

LUÍS CHAVES

855



# CHAMINÉS DE PORTUGAL

(Separata da ALMA NOVA)



FAMALICÃO

Tip. «Minerva», de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

Avenida Barão de Trovisqueira

1929

55

~~69.0271~~



CHAMINÉS DE PORTUGAL

LUÍS CHAVES



Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

# CHAMINÉS DE PORTUGAL

(Separata da ALMA NOVA)



FAMALICÃO

Tip. «Minerva», de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

Avenida Barão de Trovisqueira

—  
1929

# CHAMINÉS DE PORTUGAL

— «Donde fogo não há, fumo se não levanta.»  
— «Melhor é fumo em minha casa que na alheia.»

António Delicado, *Adágios Portugueses*, 1924, págs. 141 e 143.

## I

A **chaminé**, por dever sempre corresponder na casa de habitação a uma imperiosa necessidade de higiene e cómodos domésticos, tem de aparecer nela com maior ou menor primitivismo.

Na construção regional, a forma das **chaminés** ou é popular ou popularizada. O modelo seguido como cânon pelos **alvaneos** <sup>(1)</sup> conserva tradicionalismo remoto no primeiro caso, recente no derradeiro. Para a mesma localidade, ou êsse modelo é único, e dá-se principalmente a unidade central quando o cânon é remoto;—ou há pluralidade, precisamente onde a tradição tem carácter recente, sobretudo de cunho artístico. A diversidade na mesma forma deve-se de facto ao pormenor.

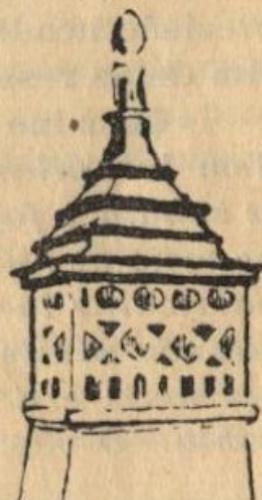


Fig. 17—Chaminé de Borba

(1) **Alvanéo** ← **Alvanel** = **Alvenel**: dicção popular alentejana (v. gr. Extremôz).

Bluteau dá no **Vocabulário** três dicções sob o vocábulo «chemine»: **cheminé**, **chaminé** e **chuminé** (1). Para resolver da pronúncia preferível, foi apresentado o seguinte tema de discussão à duodécima conferência de 1696 na biblioteca do Conde da Ericeira:

«— XXXI. *Se se ha de dizer Chuminé, ou chaminé, ou cheminé.*»

E Bluteau, autor do «oratório requerimento de palavras portuguesas», relata levemente nas suas **Prosas Portuguesas** o que se passou no «Tribunal das Letras» (2) por êle erigido, e o que na sessão concluíram os confrades interessados no assunto. Refere êle:

... «*parecia a huns, que Cheminé por vir dos Franceses Chemin; assentouse que Chaminé, para buscar os Latinos Caminus*» (3).

No **Vocabulário**, Bluteau descreve com a enfática precisão académica de Setecentos as **Chaminés**, e faz assim delas resenha arquitectural e etnográfica:

«*Chemine . . . o lugar em que se faz o fogo da casa. Tem lar, pilares, escarpa, ou culatra, & cano, por onde se exhala o fogo. Os antigos não tinham chemines destas no meio de huma parede como as nossas mas huma casa particular lhe servia de chemine, & esta sem sahida, ou quando muito com uma janelinha, por onde muitas vezes mais era o vento, que entrava, do que o fumo que sahia. O vão, ou o cano da chemine por onde estila o*

(1) Os **Diccionários** de Moraes e de Faria trazem igualmente as três formas.

(2) Estas conferências, com o título pomposo de **Conferências Eruditas**, celebradas por Bluteau, ante o **Tribunal das Letras**, principiaram no dia 12 de Fevereiro de 1696, um Domingo. Realizavam-se na biblioteca do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, na casa do **Cunhal das Bolas**, ao Bairro-Alto, de Lisboa.

(3) Rafael Bluteau, **Prosas Portuguesas** (1726), I, «Prosas Academicas», págs. 19-20.

*fumo, a escarpa ou culatra ou panno da chemine, es dois pilares, que de huma & outra parte sustentão a escarpa, ou culatra da chemine.»*

\*

A **chaminé** mais simples, no seu uso próprio de, como diz Bluteau, «estilar o fumo», é um orifício no tecto para o telhado. Mas, quando o tecto de colmo (**colmaço**) cobre as casas, é substituída a **chaminé** pelas aberturas naturais da construção, que assim desempenham o serviço funcional dela. No tipo baixo da casa térrea, exala-se o fumo pela porta e janelas, notando que em geral é uma só a porta, e que, sobretudo no Norte, também a porta serve de janela com um **postigo** ou **janeluco**, maior ou menor, aberto no único batente que tem.

Nas casas sem um andar superior ou com um palanque interior, que o substitue, poderá servir de **chaminé** a janela pequena, muito achegada ao beiral protector, se está na serra, janela que ordinariamente é única.

Quando a telha permite a abertura de orifícios ou fendas, a **chaminé** toma formas diversas, desde a **goteira** do Minho e o **bocairo** da Serra de Montezinho, por exemplo (1). Frequentemente, um pedaço de telhado alteia-se em guisa de alçapão entreaberto, e os interva-

(1) Este dispositivo é a primitiva **chaminé**. Vejam-se as lucarnas das paredes e do tecto das **cabanas cinerárias** dos Etruscos; os restos dos mortos repousavam em cabanas do tipo em que habitavam os vivos; v. gr. as de Corneto: Jules Martha, **L'Art Etrusque**, Paris, 1889, págs. 35-36, figs. 5 e 6. E exemplos modernos: a tribo dos Wacuna ou dos Witchitona, do México, faz cabanas circulares, cónicas, com um buraco para saída do fumo pelo vértice: Mayne Reid, **La Piste de Guerre**, pág. 287.

los, à frente e dos lados, dão passagem ao fumo; são as **trapeiras** trasmontanas.

Se o material abunda, e a obra se aperfeiçoa, a **chaminé** desenvolve-se. Alça-se no telhado; curta nos lugares altos; longa na planície, para «chupar» o fumo e atirá-lo pelo vento em correntes mais subidas, o que por isso é o **chupão** alentejano. Ora ressalta na parede, apoiando-se em cachorros e descansos, ora macissos e rectilíneos, ora curvilíneos e airosos como vergas manuelinas ou «machicoulis» lombardos; ora lhe é comum a parede em que se levanta.

\*

Das cozinhas do Norte, evoca-nos Camilo o aspecto, êsse Camilo tão pouco paítagista da terra, mas tão vibrante pintor da paítagem interior da casa e da alma portuguesa:

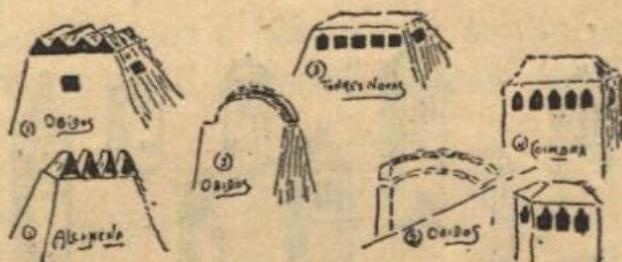
... «*circumvagando os olhos pelas alfaias da cozinha... O mesmo escano. A mesma assadeira das castanhas pendente do caniço. A mesma trempe de pedra. O mesmo gomil de estanho com vinho. A almotolia pendurada no mesmo pau bifurcado atrás do lar*» (1).

A cozinha é mais íntima e recatada no Norte; no Sul toda ela se enfeita de galas e louçania para os de fora, a quem é sala-de-receber. Aqui abre para a rua ou quinteiro; é salão de onde quem entra não passa além, e por isso fica no limiar do «monte». Há duas entradas? Haverá duas cozinhas, uma delas com o forno do pão. Lá, o pátio senhorial, ou simples pátio de casa agrícola, atira a cozinha para o recôndito pudico da casa.

---

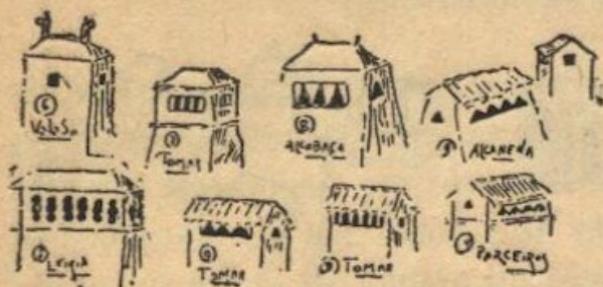
(1) Camillo Castello Branco, *A Bruxa do Monte Cordova*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 236.

Na casa rural do Alentejo, a cozinha é a sala nobre: enfeitada com a louça popular da província, entre a qual aparecem os « pratos velhos », alguns sem valimento que não seja o de terem sido dos pais ou dos avós, e que são apontados como relíquias <sup>(1)</sup>. Tem os armários rendados, de rótulas verdes, a louça de arame (de estanho, mas principalmente de cobre), a estandeira, escaparate com a louça de estanho, a cantareira ou pial, o poial de « pedramar » com as quar-



tas de Estremôz, do Redondo ou de Viana-do-Alentejo, vendidas mais o outro vasilhame nas cargas ambulantes, de aldeia em aldeia, em ceirões e alforjes de es-

parto ao lombo dos machos, ou nos típicos carros-alentejanos de « molas de azinho ».



A um canto da cozinha está a chaminé. Aqui é um

pormenor, como a arca ali a um canto, a mesa ao meio da parede, e os armários aqui e ali. No Norte é o objecto principal, o que não admira onde há o culto familiar do fogo a maior parte do ano, e o não menor nem menos duradouro prazer da mesa à lareira. A lareira então ocupa quâsi toda a cozinha; o restante espaço, cercan-

<sup>(1)</sup> Há sempre um « prato velho », ou um quadro de hospedaria vilôa, por que um inglês ofereceu uma libra não aceita, sinal de aprêço material e de apêgo de orgulho simpático.

do-a quanto pode, oferece o campo necessário à labuta culinária; abre-se-lhe por cima a chaminé, a toda a largura, como se lhe servisse de tampa; ou só no telhado de travejamento descoberto, tão ennegrecido que o carvalho ou o pinho parecem de pau-santo polido, se alteia a trapeira, por onde o fumo se escôa.



O lar no Sul é raso, não em estrado ou banquetta, por vezes bem alto, de Trás-os-Montes; num ressalto, na frente, no pano da chaminé, uma es-

tante lisa de tejo forma a *prateira*, onde se expõem os pratos mais berrantes de côr, e por isso mais decorativos, grandes, da Flor-da-Rosa, Viana e algures.

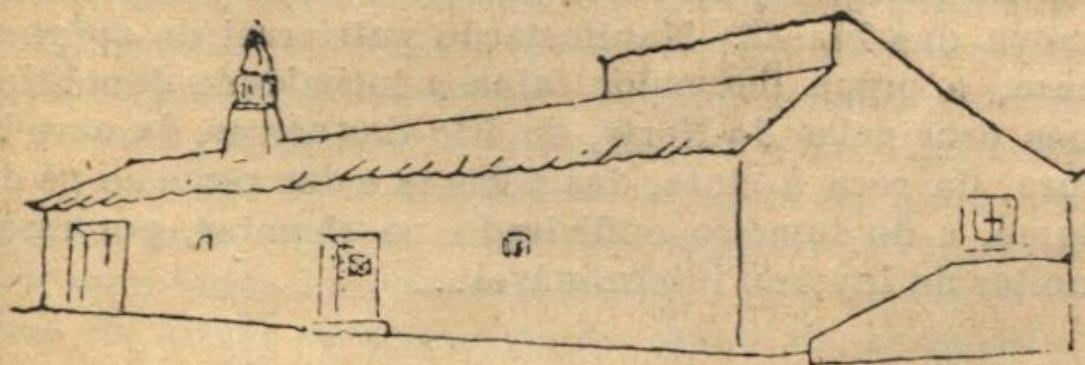
No Alentejo, a chaminé assenta logo sôbre a parede-mestra, e é-lhe perpendicular ou, o que é mais frequente, paralela ou continuando-a. Lá



para cima é de ordinário branca, e o mesmo acontece no Sul, onde a cal abunda, e tôda a casa vibra na brancura intensa, que lhe dá. No entanto, no Alentejo, onde o tejo quasi exclue a pedra na alvenaria, fazem-se combinações decorativas com êsse tejo, prática inconsciente da decoração architectónica moderna, que consiste em obter efeitos ornamentais do emprêgo dos mesmos materiais da construção; pintam-se também elementos da decorativa popular nas faces da chaminé, com combinação de azul, vermelho e amarelo, em

maior ou menor fantasia de desenho (estrêlas, círculos, meias-luas, cadeias, o signo-saimão, etc., a que se junta às vezes a data em caracteres bem visíveis e legíveis, e a miúdo as iniciais do artista «alvanéo»).

Cães, cavalos, cavalinhos, de ferro, zoomórficos, de cauda e focinhos enrolados, para amparar a fogueira ou encostar o espêto da carne assada, os trasfogueiros ou estrafoqueiros mais complicados e com ar de senhores-feudais; ferras, ferrelhas, mãos, conchas ou pás de co-



Um « monte » no Alentejo

zinha; trempes, descansos, arrumadores ou calços, fogueiros, potes bojudos de duas asas nas ancas e sôbre três pés, caldeiras, em redor de um caldeiro grande, suspenso no meio do lume por uma cremalheira grossa e negra; toda a serventia do fogo; as bonecas de tejo, azulejo ou fôlha de ferro, ao fundo da parede da chaminé, a protegê-la do fumo e das línguas da labareda, no Alentejo; — tudo são pertences curiosos da chaminé, conservados pelo uso, e afeiçoados a formas tradicionais na arte do povo; alguns, como as bonecas, sempre-noivas ou frades, ligados a superstições hoje desaparecidas, vestígios do Lar familiaris, na opinião do sr. Dr. Leite de Vasconcellos (1).

(1) Leite de Vasconcellos, Religiões da Lusitania, Lisboa, 913, III, 597 e 605. História do Museu Etnológico Português, Lisboa, 1915, p. 209.

## II

O tipo geral da **chaminé** tem a forma de paralelepípedo rectângulo ou de pirâmide rectangular truncada, mais ou menos desenvolvida em comprimento e altura. A's vezes sobrepõe-se esta forma piramidal à primeira.

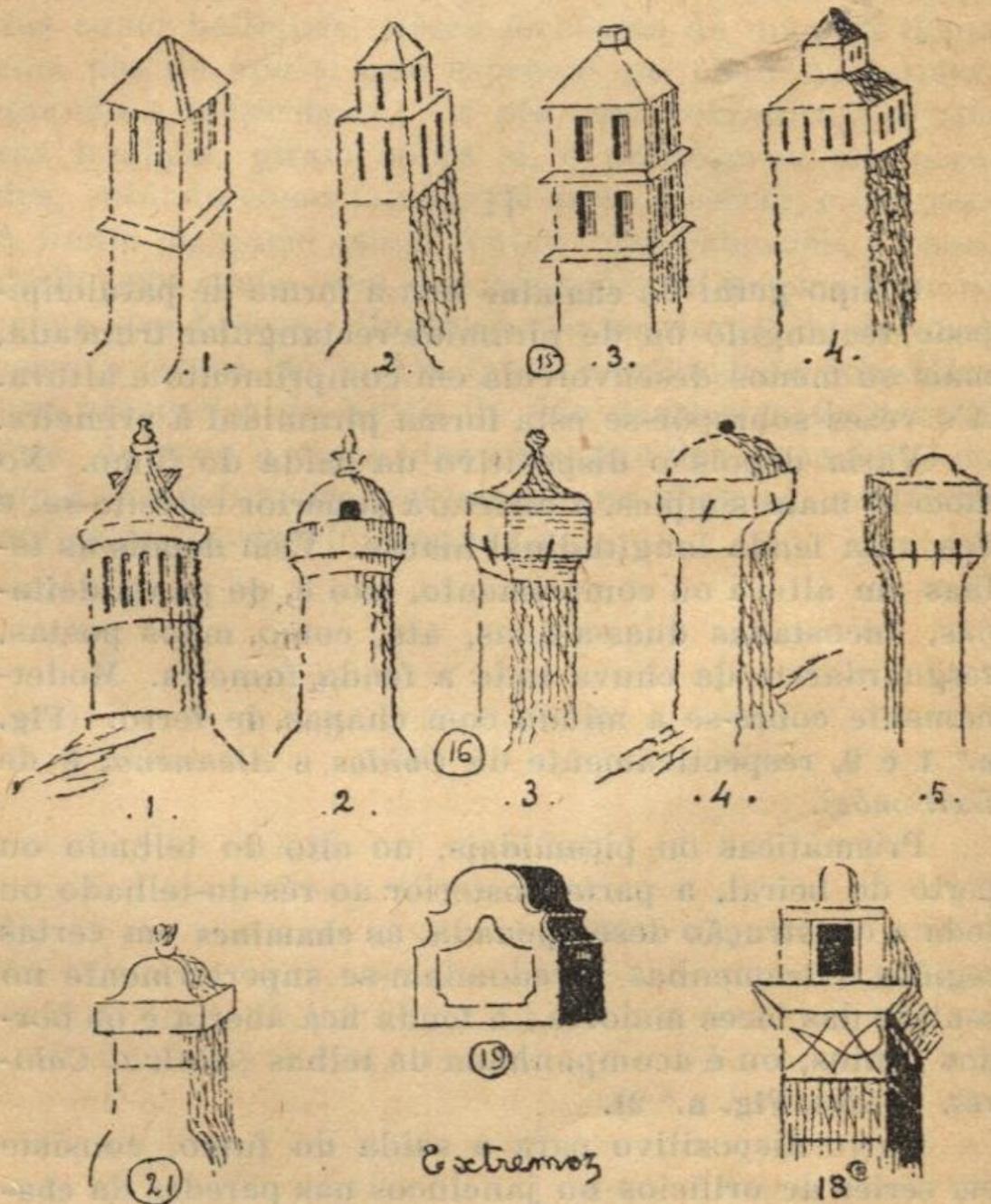
Varia depois o dispositivo da saída do fumo. No modelo mais simples, a abertura superior estreita-se, e fica uma fenda longitudinal hiante. Vem depois as telhas em altura ou comprimento, isto é, de pé ou deitadas, encostadas duas-a-duas, até, como mãos postas, resguardarem da chuva toda a fenda fumeira. Modernamente cobre-se a miúdo com chapas de ferro. (Fig. n.º 1 e 9, respectivamente de *Obidos* e *Alcanena*, e de *Extremôz*).

Prismáticas ou piramidais, no alto do telhado ou perto do beiral, a parte posterior ao rés-do-telhado ou toda a construção desempenada, as **chaminés** em certas regiões extremenhas arredondam-se superiormente no sentido das faces maiores; a fenda fica aberta e os bordos juntos, ou é acompanhada de telhas (*Sintra, Colares, Obidos*, Fig. n.º 2).

Outro dispositivo para a saída do fumo, consiste em séries de orifícios ou janelucos nas paredes da **chaminé**; são triangulares nas fig. n.º 7 a 9 (*Tomar, Alcobaça, Alcanena*); quadrados, como nas fig. n.º 3 (*Torres-Novas*), n.º 6 (*Valado*), n.º 9 (*Alcanena*), paralelogrâmicos, por exemplo, nas figs. n.º 10 (*Alcobaça, Obidos*,

A' volta das lareiras do Norte, há bancadas de madeira, castanho compacto, endurecido pelos anos e pela defumação permanente. Encostam-se à parede, erguidas como bailiques, mesas formadas de uma só tábua com pés de apoio, que especam no chão da lareira, quando a mesa desce; os pés com dobradiças, as mesas também, giram sôbre si, e prendem-se nas paredes, subindo como tampas de arca; descem, e fixam-se à frente de quem esteja sentado nas bancadas, passando-lhe por cima, sem que ninguém se incomode ou se mova das brasas. Manifestação patriarcal de apêgo à casa, e prova de maior faina e intimidade doméstica nas províncias do Norte, do frio das serras, da neve lá fora, da roca à cinta, das xácaras e das rezas ao pé do lume, e do fumeiro enfileirado na **chaminé**, por essas noites de Inverno interminável...

*Leiria*, etc.), n.º 15 (*Extremôz*); ponteagudos, subpentagonais, na fig. n.º 4 (*Coimbra*); curvilíneos na fig. n.º 5



(Croquis de Saavedra Machado)

(*Leiria*); ora isolados, fig. n.º 1 (*Obidos*), n.º 6 (*Valado*), n.º 10 (*Obidos*), n.º 18 (*Extremôz*); ora em série, figs. n.º

3 a 5 (*Torres-Novas, Coimbra e Leiria*), n.<sup>os</sup> 6 a 9 (*Valado, Tomar, Alcanena e Alcobaça*), n.<sup>os</sup> 10 e 11 (*Obidos, Alcobaça, Leiria, Tomar e Caldas-da-Rainha*), n.<sup>o</sup> 12 (*Cabrela*), n.<sup>o</sup> 13 (*Obidos*), n.<sup>o</sup> 15 e 16 (*Extremôz*); iguais como nestes todos, ou desiguais em disposição de fantasia com os tejolos de construção, fig. n.<sup>o</sup> 17 (*Borba*); abrem-se muitas vezes os orifícios agrupados em forma de janela, simples ou dupla.

Rasgam-se fendas nas paredes da *chaminé*, que são guarneçadas de tejolos a-prumo ou encostados dois-a-dois, nas fig. n.<sup>o</sup> 7 (*Tomar*), n.<sup>o</sup> 8 (*Alcobaça*), n.<sup>o</sup> 9 (*Alcanena, Tomar e Parceiros*).

Freqüentemente se acumulam estes dispositivos no mesmo exemplar (cfr. figuras indicadas).

Em *Tomar, Torres-Novas e Alcanena* (fig. n.<sup>o</sup> 9), a *chaminé* cobre-se de um tejadilho de duas vertentes; o fumo sai por um buraco triangular, aberto nos topos, e por uma fenda lateral com tejolos verticais ou encostados aos pares, correndo-a de cima até baixo.

\*

Outro modelo é o da *chaminé* turriforme, de base quadrada. Termina em ponta; sôbre o fuste prismático ergue-se uma pirâmide curta, a formar-lhe *capêlo*, de faces planas ou arredondadas em forma de zimbório, fig. n.<sup>o</sup> 10 (*Obidos e Alcobaça*) e n.<sup>o</sup> 15 (*Extremôz*). O *capêlo* toma formas artísticas na fig. n.<sup>o</sup> 11 (*Caldas-da-Rainha*) e n.<sup>o</sup> 17 (*Borba*). O fumo é expelido por fendas rectangulares, verticais, rasgadas logo abaixo do *capêlo*, nas quatro faces da *chaminé*.

No Alentejo e Algarve fazem-se *chaminés* curiosas, com efeitos decorativos tirados dos próprios tejolos de construção. Servem de exemplo os modelos: da fig. n.<sup>o</sup> 12, junto da estação de *Cabrela*, na linha do Sul-e-

-Sueste, e da **fig. n.º 17** (*Borba*); e as reixas de muitas **chaminés** de *Evora, Extremôz, Beja e Algarve*.

\*

Com a forma rectangular, paralelipipédica, ou em forma de tórre, as **chaminés** oferecem-se à fantasia dos construtores, que sobrepõem formas; enchem-nas de molduras; coroam-nas com florões e borlas **fig. n.º 17** (*Borba*) e **n.º 21** (*Extremôz*); frisam planos (**fig. n.º 13** (*Obidos*)): dispõem com graça as séries de fendas, por onde sai o fumo, com tejolos ou telhas; ornamentam-lhes frisos com desenhos (**fig. n.º 18**, *Extremôz*) e esgrafitos; pintam-nas de côres vibrantes, as mesmas das fachadas, ou as das molduras que envolvem em friso, rodapé e bandas, as paredes brancas e os vãos, como na região garrida de Mafra e Ericeira, decoração estudada e descrita com ilustrações pelo Dr. Félix Alves Pereira em **O Archeologo Portuguez** (¹).

\*

As **chaminés** mais airosas são as do Sul, alentejanas e algarvias, onde predominam formas de tórre e minarete, restos mouriscos aqui e ali mais ou menos misturados com vestígios de construções do século XVIII, num perfil a um tempo de atalaia bélica e pombal branquíssimo.

Reduzem-se, de uma maneira geral, a dois tipos: — o primeiro, equiparado ao tipo nacional em forma de **arca**, alongada; — o segundo, mais característico, é **turiforme**, quer circular, quer rectangular. E, como tipo misto, aparecem as **chaminés** arciformes de alto porte, prismáticas umas, piramidais truncadas outras.

---

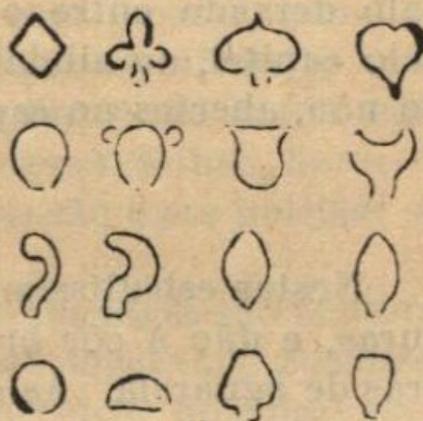
(¹) Félix Alves Pereira, in **O Arch. Português**, vol. XIX, p. 327-328.

\*

1) — **Tipo de arca.** — São rectangulares, alongadas, em geral mais altas que no Norte, consoante ficou dito já. A fumarada sai, como no resto do país, por fendas no alto, sem resguardo ou resguardadas com telhas, e por fendas laterais encobertas com uma telha ou gradeadas de tejolo.

2) — **Tipo de tórre** —

a) **prismáticas.** Teem o aspecto de torres. Umas são de secção rectangular quasi sempre quadrada (figs. 15 e 16, 3 a 5), de *Extremôz*, outras cylíndricas (fig. n.º 16, 1 e 2). Terminam aquelas em tejadilho ou dispositivo piramidal; outras conservam-se prismáticas, mas tem por cima outra de secção menor, a rematar em pirâmide (fig. n.º 15, 2 e 4). As faces do remate são planas, ou curvas (fig. n.º 16, 3 a 5), e às vezes é o remate envolvido por um envólucro cúbico (*id.* 5) ou cylíndrico.



F. 22—Cantos de chaminés

A expulsão do fumo obtem-se no alto por intervalos resguardados pelo **capêlo**, ou por fendas laterais. As águas acumuladas à volta do **capêlo**, no reservatório que pode formar-lhes o alargamento superior da moldura em ar de capitel, correm por calhas e saem por um ou mais tubos de cano por face.

Aparecem formas truncadas, truncaturas e rebatimentos, torres de curto porte, vistas igualmente algures, Coimbra por exemplo; fig. n.º 21 (*Extremôz*).

Estas **chaminés**, como nas figs. n.ºs 15 e 16, (*Extremôz*), n.º 17, (*Borba*), n.º 2, (*Algarve*), tem a forma de pombois. Altas e esguias, são preciosas sugestões de torres

italianas, como essas **chaminés**, que o Dr. Vergílio Correia estudou e reproduziu na sua *Etnografia Artística* <sup>(1)</sup>. Algumas, mantendo o mesmo tipo, são octogonais.

b) **cilíndricas**. São verdadeiros torreões. O fuste, mais ou menos alto, é coberto pelo **capêlo**, ou alarga como em capitel, onde encaixa o **capêlo**, coroado pelo remate de um florão ou borla esférica; **figs. n.º 16, 1 e 2** (*Extremôz*).

As saídas do fumo fazem-se por fendas altas em toda a periferia do fuste, entre molduras, ou pelo intervalo deixado entre o **capêlo** e a base larga, formada pelo capitel, ou ainda por fendas, **boeiros**, alpendrados ou não, abertos no **capêlo**.

\*

Nestas esbeltíssimas torres, os ressaltos ornaram molduras, e dão à côr branca da cal, ardente ao sol, sombras de aguarela. As **chaminés** cilíndricas recordam de longe colunas com seu capitel, poisadas ao sol nos telhados, a ampararem o céu caldeante. As outras, quadradas, imitam como as de Itália torres castelãs e pombais.

Este modelo último, em formas que poderíamos chamar clássicas, é freqüentíssimo em povoados com edifícios de Setecentos e seus arredores, como Extremôz, Sousel, Borba, etc. O seu tradicionalismo é assim bem mais recente que o das **chaminés** arciformes, se de facto é uma influência localizada pelos construtores do século XVIII, ou seja mesmo uma esquematização encontrada nos modelos velhos de um **mudegar** alentejano-algarvio conservado em dispersão.

---

(1) Vergílio Correia, *Etnografia Artística*, Pôrto, 1916; e «*Chaminés do Sul*», in *Terra Portuguesa*, 1916, II, 26.

\*

As **chaminés** são geralmente brancas. A decoração, quando a há, está no material de construção e nas linhas estruturais; vai o gosto do artista na forma e disposição das fendas, na sobreposição das molduras, no remate de bolas, florões e pinásios. Se são pintadas, enfaixa-as uma moldura de côr diferente, e na face lisa ou adornada de desenhos vibra cromática nova, calculada para centro de côr.

Os cantos das **chaminés** arciformes são guarnecidos de pontas de ferro ou de barro com figuras variadas, como podem ver-se na **fig. n.º 22** (*Cano, Alentejo*): napes de cartas de jôgo, foicinhas, ferros de lança, etc.; em Extremôs veem-se, pontas, esferas, telhas, flores de liz; na **fig. n.º 6** (*Valado*), notar-se-hão duas botijas; na **fig. n.º 8** (*Alcobaça*), pontas, etc.

Em Leiria e toda a região, as **chaminés** são cobertas com chapas de ferro, em forma de tejadilho, guarnecidas de hastes com tremidos e torcidos, que provam o bom gosto tradicional dos artistas ferreiros da cidade do Lis. São variados os modelos dêstes exemplares de **ferros de chaminé**, cruzados, rectilíneos, curvilíneos, em zig-zag, em ss, com bandeirolas encimadas ou não de cruz (grimpas). As ferragens de chaminé, desde os ferros de contacto com o fogo (trasfogueiros, tremes, espetos, etc.) às guarnições da cobertura do resguardo, formam notabilíssima colecção de desenho etnográfico e da arte nacional do lar, digna de um álbum da casa portuguesa.